



Tribuna Livre

À Biblioteca Pública de

Braga

2
FEVEREIRO
1963

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMAOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

O problema de Glaucoma no Mundo (V)

O glaucoma, cuja frequência aumenta com a idade e que é essencialmente uma doença dos cinquenta anos, ocupa o segundo lugar nas causas de cegueira. Caracteriza-se por uma tensão muito grande dos líquidos internos do olho, de origem desconhecida, e pode determinar, na sua forma aguda, acompanhada de dores e de vômitos, uma opacificação da córnea e, na sua forma crónica, uma deterioração de nervo óptico. Esta afecção, que parece manifestar-se com uma predilecção particular nos indivíduos com desequilíbrio neurovegetativo, que surge com frequência na mulher durante a menopausa e que parece revestir um carácter familiar, apresenta um prognóstico tanto mais grave quanto mais insidiosa for a sua evolução. Provoca a cegueira 12 a 15 vezes em 100, desde que não seja tratada desde os primeiros sinais: diminuição da vista, círculos coloridos à volta dos olhos, má visão lateral.

O glaucoma é sempre curável desde que:

— A doença seja diagnosticada o mais cedo possível, embora no seu início não

apresente dores e a parte externa do olho não apresente alterações que possam chamar a atenção. O rastreio sistemático, tentado pelos americanos, revelou-se praticamente impossível. Em Genebra, organizaram-se consultas especiais, uma vez por semana, para controlar a tensão ocular, a acuidade e o campo visual dos pacientes. Os doentes que não se apresentam são convocados ou visitados pela assistente social. Este facto permite aumentar o número de doentes controlados regularmente de 50 para 90%.

— O tratamento se pro-

longue durante muito tempo. Salvo excepções, a terapêutica mais rigorosamente aplicada não actua nem dentro de duas horas, nem de alguns meses, e como o êxito não é, portanto, espectacular, fazendo apenas estabilizar a visão, e como muitos remédios, por retracção da pupila para melhorar a circulação no olho, inquietem o doente que julgava ver menos do que antes, acontece frequentemente (50% dos casos) que o doente abandona este tratamento até ao dia em que as lesões, definitivamente instaladas, tornam a cegueira inevitável.

QUANTO PODE O DESPORTO

A ninguém que acompanhe o desporto causam surpresa as palavras que escrevemos recordando a sua força imparável que galvaniza multidões. Não perde o propósito, porém, recordar mais uma vez de quanto ele é capaz.

Quem tenha ido a Coimbra no passado domingo terá visto que nenhuma outra manifestação quer de

carácter social, político ou religioso seria capaz de impulsionar tanta gente fazendo-a abandonar as suas casas e correr centena e meia de quilómetros para viver hora e meia de um prélio. E falamos nos que eram visitantes por ser oportuno recordar que aquela mole homana que circundava o amplo estádio era em grande parte da Invicta Cidade.

Não sabemos como admirar mais a grandeza de tal ajuntamento, se pela moldura do círculo se pela avalanche que se formou antes e depois do desafio, não tanto por as vias de acesso serem insuficientes mas mais pela impossibilidade de prever tamanho ajuntamento de transportes rodoviários.

Este espectáculo tinha algo de parecido com aquelas jornadas realizadas em Bra-

Continua na 4.ª página

COMARCA DE AMARES

Posse do seu primeiro Juiz, Sr. Dr. Fernando Favião

Com a solenidade dos grandes actos históricos, tomou na quinta-feira posse do cargo de Juiz da Comarca de Amares, o Ex.º Senhor Doutor Fernando Favião, primeiro Juiz da comarca restaurada, velha aspiração de todos os Amarenses.

A posse foi-lhe conferida pelo Ex.º Senhor Dr. Gama Prazeres dig.º Juiz da Comarca de Vila Verde, onde o julgado estava anexo, e a ela assistiram, além de numerosos advogados, e gente os senhores Dr. Manuel Amaral de Aguiar, Dr. Manuel Monterroso Gomes Neto, Dr. Alcindo Augusto da Costa e Dr. Natal Querido da Costa e Silva, digníssimos magis-

trados da Comarca de Braga, o senhor Dr. Francisco J. Pires Dig.º Delegado do Ministério Público em Vila Verde, quasi todos os funcionários dos Tribunais de Braga e Vila Verde, o senhor Presidente, Vice-Presidente, vereadores e chefe de Secretaria da Comarca de Amares, e mais autoridades Administrativas e políticas, o senhor Octávio Machado, Dig.º Chefe de Finanças, Dr. Dario de Sousa, notário, Dr. Arantes Rodrigues, notário, e muitos amigos do empossado.

Depois de assinado o auto de posse usou da palavra o empossante senhor Dr. Juiz

Continua na 4.ª página

DAVID NASSER

por ELISIO GONÇALVES

«Todo o brasileiro que não amar Portugal não tem carácter: um Paquiderme e um Neurofíco não fizeram estremecer a amizade Luso-Brasileira. Estas afirmações feitas aos microfones da Emissora Nacional pelo sr. David Nasser, um dos grandes jornalista do Mundo e repórter da revista «Cruzeiro» do Rio de Janeiro, limpam as nódoas dos homens e as manchas da política de aproximação que políticos de carácter convencionaram ainda antes da presidência do nosso querido amigo e hóspede Dr. Kubitschek de Oliveira.

La Rochefoncaul disse. «A perfeita coragem consiste em fazer sem testemunhas o que se é capaz de fazer diante de toda a gente. David Nasser diante de toda a gente e perante a Mundo que o ouviu, iluminou a consciência Universal e rehabilitou o carácter daqueles que se deixaram corromper. O filósofo Carlos Marx se hoje vivesse e presenciasse os resultados da sua filosofia, é muito provável que começasse a pensar de maneira diferente à que adoptou. Os políticos que tem a responsabilidade da direcção da nação irmã, são como Carlos Marx, como puro sangue judeu, não sabia conservar os amigos.

Era frio e conflituoso. Depois do seu entusiasmo por Fenerboch, combateu-o; depois de se ter mostrado grande amigo de Prondhon, escreveu um livro contra ele.

Todas as figuras do enlenco político-governativo do Brasil só acreditarão na perenidade das relações Luso-Brasileiras quando se lembrarem da sua Génere. É o que tem feito o grande jornalista Nasser e o desbravador do Sertão brasileiro Dr. Kubitschek em quem temos de depositar as nossas esperanças de fiel cumpridor de uma só filosofia,

Continua na 4.ª página

SOLDADOS DE DEUS

Portugueses, é Deus que nos chama
Nas trincheiras da Pátria a lutar!
E se dela o amor nos inflama,
Portugueses, em frente, marchar!

Olhos postos nas duas bandeiras,
A da Pátria enlaçada à da Cruz,
Cara alegre ao entrar nas fileiras
P'ra que delas nos venha mais luz.

Não se treme ao fragor do combate
Quando as balas nos batem no arnês;
Quão mais rude nos for o embate
Maior honra para um português!

Se os da ONU, na hora passante,
Não quiserem razões escutar,
Portugueses, unidos, avante!
Que a vitória não tarda a chegar...

Olhai bem, a peleja é terrível,
Entram nela cristãos e ateus...
Mas nós somos legião invencível,
Porque somos soldados de Deus.

UERBA

As Festas a Santo António

Não obstante se aproximarem a olhos vistos, não se fala ainda nas Festas a Santo António.

É junto supôr que se não realizarão este ano. Este pessimismo filia-se no panorama das actividades dos organismos locais que em alguns dos casos se sentem grandemente da pernicioso actividade de alguns elementos só preocupados com os seus orgulhos pessoais.

Enquanto algumas instituições seguem na sua linha de desenvolvimento, graças à dedicação dos sacrificados de sempre, outros vacilam e param, como a nossa sacrificada Misericórdia.

As Festas a Santo António são o cartaz berrante que mais propaganda faz do concelho, a sua interrupção é acto de grande perda que implicará muita responsabilidade.

Continua na 4.ª página

TRIBUNA FEMININA

Entre nós, mulheres...

Depois da elegante discrição do preto,
a deslumbrante sinfonia do branco

O preto é, na estação que decorre, a côr vedeta por excelência. A elegante destes princípios de 1963 veste o seu camisolão preto, nas horas da manhã, a sua blusa de «jersey» da mesma côr, acompanhada por saia também negra, nas primeiras horas da tarde; vestidos elegantes de visita e de jantar no mesmo tom; e, por último, até o longo vestido de cerimónia se caracteriza pela mesmíssima negrura.

Pois toda esta escuridão — segundo os últimos boatos, que nos chegam de Paris — vai mudar. Na próxima estação a côr rainha será — e também desde pela manhã até à noite — o branco, não um branco único ou espacial, mas todos os brancos, desde o branco-irgem até ao branco-sombra, passando pelos brancos neve, nuvem, pérola, marfim, e, até, pelo branco-riscado. Isto não quer dizer longe disso. É a cor número dois e vai usar-se, estreitamente aliado ao branco, em estampados e em mistura de tecidos das duas sempre tão bonitas cores. Além delas, usaremos os tons fortes de «gouache», o azul-marinho simples ou associado ao branco, o rosa, que volta em beleza, o malva e muitos — praticamente todos os tons de verde.

Quanto aos tecidos de primavera, imitam os pesados «tweeds» de inverno quando se destinem a modelos mais práticos e são o mais vaporosos possível sempre que se trate de modelos de «mais vestir». Nestes últimos empregam-se as musselinas, as organzas e os tules vaporosos, que reaparecem até nos vestidos de jantar. Continuam na moda os estampados, mas agora com desenhos muito largos, quase gigantes. Exceptuam-se as bolas, que se usarão de todos os tamanhos, desde as bolinhas «ponta de alfinete» até às «bolas de bilhar».

Parece que a nova linha vai ser afluída e longa. Os ombros alargam-se, embora discretamente, a linha do busto é delicada, as saias são rodadas e descem sempre abaixo do joelho mais ou menos, seguido cada costureiro. Alguns definem a nova linha como a imitação da letra X — isto é: ombros largos, cintura estreita e roda alargando em direcção à bainha da saia. Sabe-se já, porém, que alguns dos mestres da alta costura seguem, pelo contrário, a linha «fourreau», com cintura

muito subida nos modelos destinados às horas mais elegantes.

Os casacos dos «tailleurs» mantêm as abas compridas. Continuará, porém, o reinado do tão prático pequeno casaco que acompanha o vestido do mesmo tecido. Os bordados espalham-se por todos os modelos e regressa — depois de muitos anos de esquecimento — essa encantadora guarnição dos vestidos ligeiros que se chama o ponto «à jour». Diz-se que a moda dos meses futuros evoca os bailes de Viena nos fins do século passado: cinturas altas e saias amplas, empregueadas ou tufaladas, em tecidos levíssimos — e isto a qualquer hora do dia.

Muitos dos vestidos suprimem as mangas, segundo parece, mas para as senhoras com braços «um pouco formosa» comprida, estudado especialmente para elas. E, falando de mangas, tudo leva a crer que alguns dos costureiros estudam a reparação de cabeças um «pouco trabalhadas», sobretudo nas mangas dos casacos compridos e nos dos «tailleurs».

Os chapéus são simples-

mente enormes e os sapatos — sempre a acreditar nos mesmos boatos-perdem e salto-agulha, que desde a proibição da entrada em certos museus as senhoras com essa espécie de salto viu os seus dias contados.

Este é um breve apanhado do que, nos últimos dias, «transpirou» acerca da moda futura, que já é actual, na capital francesa. Os costureiros prometem uma moda discreta, juvenil, inteligente e equilibrada, moda que tem muito em conta a senhora empregada ou com actividades diárias fora do lar. Todas nós, sabemos, porém, o que o terno «equilibrado» significa às vezes, quando a alta-costura muda de rumo. Aguardemos, pois, os fins de Fevereiro e veremos o que a seguir a uma moda friorenta e carregadilha de peles (que o clima europeu Paris nos irá propor. Esperemos que algo de novo, porque as últimas colecções de primavera e de verão, falando muito francamente, deixaram bastante a desejar. Que venha algo de original, de bonito e, condição essencial para os tempos que vão correndo, de pouco dispendioso.

Culinária

Cá estamos na nossa lição de cozinha regional portuguesa. Vamos experimentar hoje uma sopa muito pouco conhecida fora de Trás-os-Montes e cujos ingredientes são muito fáceis de arranjar em qualquer parte do mundo.

Deitam-se, numa panela, uns três litros de água, quatro ou cinco pedaços de carne de porco (aí de cem gramas cada pedaço), três cebolas inteiras, umas quatro ou cinco cenouras, cortadas ao alto e em quatro partes, uns cinco nabos, idem, uma couve lombarda (a couve branca ou o repolho também podem servir) e umas quatro batatas de bom tamanho. Tempera-se de sal e deixa-se cozer tudo por umas duas horas.

Aparte, torram-se quadradinhos de pão (ou fritam-se em óleo, o que é melhor). À hora de ida para a mesa, mistura-se, na sopa, uma boa colher de manteiga, deixa-se levantar fervura e serve-se com o pão torrado e os pedaços da carne e das hortaliças.

Vamos, agora, para a sobre-

mesa, descer ao centro do país e fazer um dos mais afamados doces portugueses — os celeberrimos:

Celestes de Santarém

Põe-se ao lume meio quilo de açúcar em dois decilitros de água, para o derreter. Em estando em ponto de espandada, deita-se, no tacho, meio quilo de miolo de amêndoa — previamente escaldado, pelado e moído na máquina — e deixa-se ferver a mistura por uns cinco bons minutos.

Tira-se do lume e, depois de quase frio, juntam-se-lhe uma colher de manteiga e dezoito gemas de ovos — depois de bem misturados, mas sem bater. Volta ao lume e aí está até se ver o fundo ao tacho, com tendência o doce para se despegar. Isto, é claro, tendo a precaução de mexer continuamente, com uma colher de pau.

Sobre folhas de obreia, estendidas em tabuleiro, colocam-se bolinhas, não muito grandes, da mistura. Leva-se o tabuleiro ao forno e deixam-

O riscadinho dos bibes tem a honra de substituir o tule no bercinho de bebé

Acabaram-se os patinhos românticos em amarelo mais ou menos canário; acabaram-se os pintalinhos do dia, penugentos como borlas de pó de arroz; acabaram-se os ursinhos, os «bambis», os gatinhos e mais os cães e ainda os coelhos de focinho no ar; acabaram-se, por fim, as «Branças de Neve» e os seus numerosos anões. Sua Excelência o Bébé 1963 também deseja estar «à la pagé» e seguir a «Bossa Nova». Para o satisfazer, a moda parisiense acaba de abolir os tules vaporosos, as gazes amidonadas e as rendas que já serviram no bercinho da mamã e até no da avozinha. O incontestado «rei» da casa passa a dormir sob um docel de riscado em estilo escocês de tons fortes.

A muitas futuras mãezinhas, porém, talvez não agrade muito a mistura de verdes, azuis, encarnados ou castanhos agressivos, embora sejam reparigas moderníssimas. Lembrando-se das a moda propõe berços guarnecidos com riscado sim (abaixo os tecidos vaporosos!) mas de fundo branco e com riscas (de largura à escolha) compostas por grinaldas de flores campestres ou de jardim.

Para as retrógradas que porfiem ainda na escolha do branco (eu confesso que seria um delas, se esperasse bebé) Paris criou desenhos de docéis, armados em piqué branco, com remates em largas tiras de recortes muito largos, feitos com o piqué dobrado.

Quanto aos lençóis, também a moda acaba de abolir, e de uma só penada, o uso de bichinhos, de bonecos ou de qualquer uma daquelas guarnições delicadas em tom pastel, que há tantos anos vinham a empregar-se nas roupas infantis. Os lençolinhos 1963 serão vermelhos, azuis, verdes ou de qualquer outro tom gritante. Como guarnição preferida, lá está o galão largo, mesmo muito largo, de bordado inglês em branco.

— se corar, muito levemente, os celestes.

Experimente, minha Senhora, o docinho e diga-me, depois, se não é verdadeiramente delicioso. Podemos fazer meia-receita com duzentas e cinquenta gramas de açúcar, igual peso de amêndoa e apenas nove ovos.

Alguma dúvida que tenha (como, por exemplo, os pontos de açúcar) — ou qualquer prato regional de que deseje receita — escrevanos. Só na completa impossibilidade de obtermos a receita é que não será atendida.

Além desta combinação, há ainda o lençol de tom claro, enfeitado com um galão também largo de tom forte ou com o galão claro, mas bordado com flores campestres em cores vivas.

Se é uma moda económica (embora a não achemos nada bonita) a dos cortinados em riscado, já se torna cara, quando se passa aos galões largos (sempre dispendiosos) a aplicar nos lençóis. Para a futura mamã (e principalmente se se tratar do primeiro filho) não há, porém, obstáculos que a impeçam de fazer um bonito e moderno enxoval para o seu menino. Ela, por suas mãos, muito pacientemente, bordará — em qualquer vulgar tira de pano e em pontos simples, como o «pé de flor» por exemplo — o galão que a sua bolsa não pode pagar já pronto. Se o tempo livre não for muito, a «bordadora» limitar-se-á a salpicar a tira de pano com qualquer motivo singelo. Há, finalmente, outra fórmula, proposta pela moda: colocar — em vez do galão — tiras largas de tecido de cor diferente do lençol, tiras estas que se rematam, de ambos os lados, com espiguilhas (ou com simples laçadas de «crochet») feitas de algodão de tom muito forte — encarnado, verde ou azul — que contraste, ao mesmo tempo, com as cores do lençol e as da barra.

E quanto ao berço o que mais se usa é o mais velho. Em qualquer antiquário, em qualquer casa da província ou em qualquer ferro-velho se encontra um deles à nossa espera. Muito cuidado, porém, com a desinfecção. Se é perigoso a um adulto deitar-se numa cama usada por um doente, o perigo sobe, quando é o bebé — esse ser ao mesmo tempo maravilhoso e delicadamente frágil — que a vai usar.

Além desses, estão muito no favor da moda os berços de palha, sejam encantadores modelos rendilhados como os da Madeira, sejam mais simples, como os que se fazem nas Beiras ou no Algarve. Por custarem mais barato, não são menos bonitos. Não nos esqueçamos até de que foi um desses nossos bercinhos que uma Princesa da Casa Real da França — que fora nossa hóspede por largos anos — escolheu em Paris, para deitar o seu menino, apesar de todos os berços faustosos, onde dormiram, através dos séculos, os seus ascendentes reais. E conto isto para que não menosprezemos — como tanta vez se faz — a linda e genuína «prata da casa» portuguesa,

TRIBUNA do CONCELHO

Os dois amores

de Tomaz de Figueiredo

Eu não vi ainda o que os críticos disseram sobre o aparecimento da nova edição do romance «A Toca do Lobo», de Tomaz de Figueiredo. Não escrevi segunda edição, reparem, porque na verdade é mais do que a reimpressão de um livro já publicado: — é uma nova edição, reescrita pelo autor, de ponta a ponta. Quer dizer: é efectivamente um novo livro, escrito embora sobre uma primeira forma já publicada. O romance, devem estar lembrados, teve o prémio Eça de Queiroz de 1948 e foi justamente recebido como um dos casos mais sérios da literatura portuguesa do nosso tempo.

Dizia eu não ter visto ainda o que disseram os críticos sobre esta segunda forma de «A Toca do Lobo». Não é que me entregue absolutamente ao parecer dos críticos, ainda quando eles são bons, competentes, compreensivos, justos, imparciais. Nunca me hei-de esquecer da crítica feita pelo Ramalho Ortigão, nas Farpas, a um poema de Cesário Verde. O poema é desfiado e zurrado com uma impiedade aflitiva. Implacável na troça, o grande escritor reduziu o poema a um motivo de gargalhada. Não! Não reduziu. A gente lê a crítica e ri, porque na verdade é engraçada. Mas é apenas, desoladoramente apenas, engraçada. Porque o poema é bom, porque se vê dentro dele a alma, a sensibilidade, a delicadeza, de um espantoso poema. E nós acabamos por ter pena de Ramalho, do grande Ramalho, que não entendeu um poeta como Cesário Verde.

As críticas mais duras e frias, quase científicas, à obra de Junqueiro. Dir-se-ia, depois de qualquer dos dois ensaios: o Junqueiro acabou. Pois não acabou nada. E apesar de todos os defeitos, há poemas de Junqueiro que ficam a vibrar no ar, cristalinos, ou sussurrantes, ou profundos, a desafiar e conseguir a sincronização das nossas cordas sensíveis.

Isto não acontece só com os escritores portugueses. Lembro-me de ter lido algures — talvez no Léon Daudet — que o Sainte-Beuve, crítico extraordinário, não se fartou de cair em enganos: houve escritores saudados por ele como realidade ou promessas de alto nível, e não passaram nunca de esquecidos; e algumas vítimas das suas críticas mais severas entraram gloriosamente, com as obras criticadas, na imortalidade dos maiores.

Ao lado destes críticos não faltam (claro!) os que formulam juízos de valor apenas em função da escola, ou do grupo, ou da tendência a que pertencem, ou não pertencem, escritor e crítico. Mas desses nem vale a pena falar.

Do que vale a pena falar, isso sim, é do aparecimento de um livro que já é uma das obras definitivas da literatura portuguesa dos nossos dias: um dos livros que ficam.

Há dois aspectos fundamentais a considerar na obra deste autor: — aquilo a que podemos chamar *os dois amores de Tomaz de Figueiredo*.

Um: a sua expressão como escritor; outro, o mundo a que ele nos transporta. Porquê *os dois amores*?

Não conheço ninguém, entre os nossos escritores actuais, que melhor conheça e mais desgarradamente queira à sua língua do que o autor de «A Toca do Lobo».

Numa crítica feita à expressão formal de Ramalho Ortigão, observava Moniz Barreto que ele conhecia todas as diferentes gírias, todas as variedades vocabulares, que são próprias de cada profissão, de cada actividade ou de cada região e que, no conjunto, formam o idioma nacional. Com uma excepção, dizia Moniz Barreto: a linguagem filosófica, que o Ramalho não conhecia.

Moniz Barreto não tinha inteiramente razão. Isso, todavia, não interessa agora para aqui. O que importa é acentuar isto: Figueiredo conhece profundamente a língua portuguesa, porque a lê nos clássicos, atentamente; porque a recolhe da boca dos camponeses, dos pescadores, do povo que não adulterou ainda a pureza das suas palavras; e sobretudo porque a ama com um vigor, com uma capacidade de entrega e de posse que não conheço em mais ninguém, a não ser talvez em Camilo.

O outro amor de Tomaz de Figueiredo é o seu mundo íntimo. Podemos talvez chamá-lo *o mundo da sua saudade*. É um conjunto de realidade e de sonho: a realidade das coisas vividas, e a das coisas pressentidas, a ressoar num ambiente em que o sonho esfuma os contornos. Mas essa realidade e esse ambiente são dominados por um sentimento, uma força moral insofrida, lembrando pássaro a debater-se numa gaiola, ou aviador perdido num ilhéu deserto. Digamos: um sentimento de amor. Ele próprio o reconhece: *«pedindo e oferecendo amor ao próprio*

1.ª Publicação



TRIBUNAL JUDICIAL DE VILA VERDE ANÚNCIO

Pela 1.ª Secção do Juízo de Direito da comarca de Vila Verde, nuns autos de liquidação em benefício do Estado em que é requerente o Ministério Público e são requeridos incertos, correm editos com a dilação de **VINTE DIAS**, a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando quaisquer interessados incertos, para dentro de **VINTE DIAS**, que começam a correr depois de finda a dilação, deduzirem a sua habilitação, nos termos do artigo 1.132º do Código de Processo Civil, quanto aos dividendos prescritos na Empresa das Águas Minerero Mediciniais, S.A.R.L. com sede na freguesia de Caldeias, referentes ao ano de 1955, da importância de 607\$60, sob pena de tais dividendos serem considerados abandonados e reverterem a favor do Estado.

Vila Verde, 29 de Janeiro de 1963

O Juiz de Direito,

a) Manuel Augusto Gama Prazeres,

O escrivão da 1.ª Secção,

b) Manuel Augusto Monteiro da Silva.

TRIBUNA LIVRE

é distribuída em Braga
no Quilisque Central
Largo do Barão de São
Martinho

*frio das pedras, sentindo
que só poderia entendê-lo
o silêncio das ossadas».*

Numa época dominada pelo ódio, em que se escrevem obras de arte com a intenção determinada de acirrar desentendimentos de classes sociais, ou de raças, ou de povos, ou de pessoas — transformando a criação estética num processo de guerra e a obra artística numa clava de combate — numa época em que a crítica descai nos mesmos defeitos, que excepção magnífica a deste escritor que nos leva consigo, a transpor o portão da «Toca do Lobo», para conhecer e amar o mundo em que ele se encontra com as sombras dos seus mortos, com a presença viva dos camponeses, com as verdades das paisagens, com as evocações da História, com todas as personagens e todas as circunstâncias onde se espelha uma extraordinária tensão afectiva.

Se eu fosse crítico, talvez procurasse explicar-hes o caso do escritor Tomaz de Figueiredo, que tem na família o mártir santo Inácio de Azevedo e o Padre Luís Gonzaga de Azevedo, que também era santo. Mas isso exigiria muito tempo. E, além disso, eu não sou crítico. Limito-me a reconhecer e amar a beleza, onde quer que ela se encontre.

CARTA DE LAGO

***** Aos amigos de perto e de longe *****

Apenas algumas notícias do nosso dia-a-dia rotineiro para não esquecerdes a vossa terra, a sua fé e os seus costumes.

Casamento

No dia 27 de Janeiro casaram, na igreja paroquial de Lago, os Senhores Francisco Fernandes da Mota, de Panoias, Braga, e Rosa da Conceição Alves, de Lago, Amares, filhos, respectivamente de João F. da Mota e Teresa Fernandes e José A. Alves e Glória Soares, residentes estes e a noiva no lugar da Telheira. Foram testemunhas António Gonçalves de Paula,

ANIVERSÁRIO

Passa hoje, dia 2, o seu 4.º aniversário natalício, o menino Alberto António da Silva Machado, filho do senhor António Luiz da Cunha Machado e da senhora Aurora dos Anjos Rodrigues da Silva.

Seus pais desejam-lhe muitas felicidades e que esta data se repita por muitos anos na sua companhia.

Baptizados

No mesmo dia foi baptizada Ana Maria Nogueira Braga, filha legítima dos Senhores António Mendes Braga e Angelina Correia Nogueira. Foram padrinhos António Vieira Gomes, de Nogueira, Braga, e Ana da Conceição Correia Nogueira, de Palmeira, Braga.

Ainda no dia 27 referido baptizou-se António Manuel da Silva Correia, filho legítimo dos Senhores Abel Veloso Correia e Rosa da Silva, do lugar da Ribeira. Foram padrinhos António Pereira e Narcisa Veloso Correia, também do lugar da Ribeira, de Lago, Amares.

Acidente mortal

No lugar do Bico, ao cair da noite do dia 27, um ciclista foi mortalmente atropelado por um carro desconhecido. O sinistrado foi depois conduzido ao hospital de Braga, onde, segundo dizem, faleceu.

Vosso: J. Moreira

COMARCA DE AMARES

Continuação da 1.ª página

Gama Prazeres, inalteceu as qualidades do empossado e felicitou o povo de Amares, por ver satisfeita esta sua grande aspiração que era a restauração da Comarca. Seguiu-se-lhe no uso da palavra o senhor Dr. Arantes Rodrigues, que exaltou as qualidades, que lhe foram abonadas, do empossado e congratula-se pela restauração da Comarca. O senhor Dr. António José da Costa, fala em nome dos advogados seus colegas, encarece as virtudes e qualidades do empossado a quem oferece a sua colaboração, e também como filho do concelho, que viveu com emoção esta restauração.

Sitou alguns magistrados que com os seus pareceres e relatórios tanto contribuíram para esta restauração e autoridades que por ela trabalharam.

Em quarto lugar falou o senhor Dr. Soeiro, Dig. no Advogado em Braga que falou como amigo, do empossado cujas qualidades inalteceu.

Agradeceu o senhor Dr. Juiz Fernando Favião, aos magistrados, advogados e funcionários que com ele já haviam servido, agradeceu ao senhor Presidente da Câmara as facilidades e trabalhos que

teve para a condigna instalação do Tribunal e das Casas dos Magistrados, falou a todos os presentes e muito especialmente ao povo anónimo, que ali não estava, mas que, disse, são os clientes do Tribunal. As suas palavras neste particular, calaram bem fundo ao auditório, muito selecto que enchia por completo a sala, não só pelo sentido humano e cristão que lhe imprimiu, evidenciando as suas grandes qualidades de julgador, de homem sensato e de coração, como também por se mostrar conhecedor do ponto exacto onde termina o ser humano com defeitos e virtudes e começa o criminoso, mais ou menos inveterado.

Assim viveu o Concelho um grande dia. Dia de justiça para a qual tantos Amarenses trabalharam, quer nos jornais diários desde há anos, quer neste semanário, ultimamente, quer a Câmara Municipal, em exposições e em visitas ao Ministério da Justiça, quer deputados na Assembleia Nacional. A todos é devida a nossa Gratidão.

Nestes e noutros sectores o concelho caminha para a emancipação, para o progresso; e ainda bem.

Flor desfolhada

DE Gota d'Orvalho

Coragem! Quando um futuro nos é vedado, outro maior nos aguarda! Quem sabe, pensava Jorge: quem sabe se esse Anjo será a Lulu? (Assim chamava à pequenina Lúcia). Oh! Como serei feliz!

O regresso da vida Militar ia-se avizinando, e Jorge sonhava. Sonhava aquele sonho que só um coração jovem sabe sonhar! Iria encontrar essa Fadazinha que a imaginação lhe apresentava com todos os requintes da beleza envoltos no seu puro manto de simplicidade, essa singeleza apenas semelhante à do lírio terso do prado! Iria contemplar mais de perto esse rostozinho de indizível açucena, duma confiança incomparável! Todo o seu interior irradiava ondas de sonho e felicidade!

Por outro lado outro grande Amor: a sua Querida Família, o Lar que deixara! Tudo isto o fazia viver horas antecipadas de inaudita satisfação e amargura, porque os últimos dias pareciam intermináveis! E no dia 5 de Agosto de 1951 Jorge escreve aos Pais: «É com grande desgosto que lhes participo que, ao contrário do que noticiei, só daqui por 2 meses teremos a dita do regresso. Tenham paciência e tudo passará.»

Nesse mesmo dia Jorge tomava o rápido para o Porto onde passaria um dia, a fim de seguir para a sua encantadora Brácará, de regresso à sua Terra Natal com o Sagrado Dever cumprido. A surpresa estava planeada; e no dia 7 de Agosto, sábado, no mesmo dia em que a sua Família recebia a pouco satisfatória notícia, a propósito do seu regresso, chegava este a Braga. O combóio, que chegara à estação pelas 16,30, não permitira a Jorge outro meio de transporte mais cómodo que as suas próprias pernas, e os sete quilómetros para quem trazia uma pesada mala e cheio de viajar, tornava-se um calvário, ainda que não doloroso, pois que em pisando Terras do seu Amor, um goso incalculável se divisava nos seus lábios cheios de candura e afabilidade! Assim, galgados os sete mil metros que o separava do Berço Natalício, Jorge, atravessando o Cávado sonhador, com a lua, outro sonho reflectido nas suas águas límpidas e amorosas, entra no lindo e silencioso lugarejo onde tudo dorme, excepto algum dos homenzitos de lavoura que, numa barbearia local, aguardavam o rapa cara para o dia domingueiro. Os frondosos sobreiros e choupos do monte, em seu leve bramido, parecem saudar e envolver de ternura e carinho aquele que há tempos havia deixado de ouvir os seus lamentos, essas baladas mananciais que só o coração poético de Jorge sabia compreender quando em saudosas e dolentes serenatas, na calada da noite, guitarra na mão, por entre o murmúrio da Fonte e o cicar dos arbustos; elevava a sua doce e terna voz de Poeta enamorado!

Jorge embrenha-se por entre o sobreiral, foge às vistas dum amigo que, em vendo um militar de mala na Mão, se aproximara da porta da barbearia semi-desconfiado. Adianta o passo. É perseguido por Horácio. Para disfarçar, passa junto de sua casa sem dela se abeirar e segue. O relógio do Socorro baterá já 1,30 do dia de domingo.

Por detrás da casa de Jorge há um quintal para o qual está voltada a janela do seu quarto. Jorge penetra ali como um ladrão, esconde-se; o seu perseguidor chega ao largo onde se encontra um candeeiro; como nada vê, desiste do intento, dizendo de si para consigo: «Se me não parecia o Jorge...»

Apenas se achou só, Jorge, batenda à janela, aguarda ser ouvido pelo irmão Filipe que dorme no quarto contíguo Filipe estremunhado, pergunta: Quem bate a estas horas à nossa casa? — Sou eu, respondeu Jorge; abre-me a janela. Tu! Diz Filipe reconhecendo a voz do irmão; e como é possível!... — Sim, abre que sou eu. Um salto da cama, eis Filipe abrindo a janela a Jorge. Os dois irmãos abraçam-se, ao mesmo tempo que Jorge vai dizendo a Filipe: não faças alarde, quero dormir em casa sem que ninguém a não ser tu, saiba que me encontro aqui. Logo que amanheça irás ao guarda fatos e trar-me-ás roupa para me vestir. Assim se passara o resto daquela noite tão feliz.

Segue

Festas a Santo António

Continuação da 1.ª página

Acresce que são as Festas do Concelho e, assim, a sua organização é já um imperativo para o município.

A Câmara, antes que seja tarde, deveria já tratar da nomeação de uma comissão que arrastasse com o pesado encargo. Deveria conceder-lhe a autoridade e o carinho do seu amparo.

A não realização é fracasso de todo para a administração e a política concelhias, sobre quem, mais tarde ou mais cedo cairá a sentença culposa.

As Festas são a maior manifestação de vitalidade do concelho e a sua falta no ano de 1963 representaria grande responsabilidade a que todos quererão fugir. Desta feita, porém, não nos parece que se possa esperar o milagre de outros anos se alguém com responsabilidade não surgir a conduzi-lhe os passos — e nós só vemos que possa ser a Câmara.

Esta, de resto, tem disso a obrigação.

Quanto pode o DESPORTO

(Continuação da 1.ª página)

ga quando ali se deslocavam os portistas, mas no que refere a carros talvez estejamos perante um ajuntamento sem paralelo. É que neste caso deu-se o facto de a assistência do grupo da casa ser pequena e os combóios quase não funcionavam. Portanto quase tudo de fora e quase tudo de carro.

Não vemos, não vê ninguém que por qualquer motivo ou facto seja possível arregimentar tanta gente e pô-la ao serviço de qualquer causa por mais justa e necessária.

Os meios grandes, especialmente, divorciam-se em regra de muitos dos factos que em nossas Vilas seguimos e nos levam ao ajuntamento.

O bairrismo, especialmente, é ainda mola fecunda que atrai. Tantas vezes é traido, tantas vezes os homens de responsabilidade se servem em vez de servirem, tantas vezes pontifica o egoísmo e a vaidade presunçosa de algum videirinho, que cada um, mais esclarecido e com desafogo, de tudo se vai alheando.

É isto que nos meios grandes se verifica de maneira mais concludente e refugia cada um noutros ambientes e outras dimensões.

O rural difere ainda, mas já não tanto. Acredita pouco mas alguns ainda vão à fes-

Porquê? Porquê?

Sabe-se que a UPA (União dos Povos de Angola) e o seu líder, Holden Roberto, são patrocinados pelo «American Committee on Africa». Não se ignora que este se acha, por seu turno, ligado aos interesses e manobras de um sórdido capitalismo. Por outro lado, é sabido que o MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) não passa, afinal, de um pseudónimo do partido comunista e que o seu chefe de facto, Mário de Andrade, vai a Roma receber instruções da boca de Togliatti sempre que não as recebe directamente em Moscovo — o que sucede pelo menos uma vez em cada ano. Além disso, já aconteceu homens da UPA executarem sumariamente adeptos do MPLA e guerrilheiros do MPLA dizem bandos fiéis a Holden Roberto.

Tudo isso é do pleno conhecimento de Ben Bella. No entanto, ele declarou publicamente, não há muito, haver já enviado para a gente da UPA instrutores (dezasseis oficiais instrutores) e armas. Toma ele, então, partido pela UPA, contra o MPLA? Partido pelo «American Committee on Africa»? Partido pelo capitalismo, na sua pior e mais odiosa expressão?

De modo algum Ben Bella apressou-se a explicar que também está pronto a enviar instrutores e armas ao MPLA, desde que este lhe peça; será tudo uma questão de 48 horas, no máximo. E a multidão, que em Argel o escutava, aplaudiu.

O que importa — prosseguiu Ben Bella — é que Portugal seja escorraçado de Angola ainda este ano. E a multidão voltou a aplaudir...

Quer isto dizer que tanto para Ben Bella como para os que o aplaudem não importa que Angola caia em poder dos comunistas ou, na alternativa de qualquer maquiavelico «trust» mais ou menos norte-americano, mais ou menos internacional; isso é-lhes indiferente. Só o que lhes interessa é que os portugueses não fiquem lá — é que Portugal seja expulso da África...

Não se trata, pois, sequer de uma política, para a qual ainda se poderiam encontrar explicações ou justificações, como para toda a política. Não. É ódio.

ta ver o snr. dr. falar, embora retirem dizendo que ele cá se vai arranjando e aumentando o património.

Mas em toda a parte, cidade, vila e aldeia, o mesmo desporto é capaz de galvanizar, impulsionar, conduzir tudo e todos para a mais decidida manifestação, aclamando, torcendo, berando, lado a lado, recebendo, aí, o snr. dr., alguns pontapés nas costas sem reclamar.

É a única maneira e o único sítio onde uns descem e outros sobem, e todos são iguais.

apenas, aquilo que dita as palavras e os actos de Ben Bella que o leva a distribuir armas «voluntários» tanto pela UPA como pelo MPLA e o cega a ponto de conscientemente fazer ao mesmo tempo o jogo ao comunismo e a não sabemos que «truts» ou cartéis. Mas porquê um tal ódio?

Será que os descendentes dos piratas de Argel não perdoaram ainda a caça implacável que davam aos criminosos seus antepassados as naus portuguesas?

Não o cremos, até porque entre os que aplaudem Ben Bella poucos serão decerto os que sabem alguma coisa de história...

Será que o exemplo de ordem oferecido pelo pequeno Portugal ao mundo incomoda e perturba os que não sabem senão viver na desordem?

Há, todavia, no mundo de hoje, outros fecundos exemplos de ordem — e não vimos que a jovem República da Argélia, que tem, por isso, declarado guerra.

Será então que Portugal tem de pagar pelo facto de haver sido quem, de angra em angra de cabo em cabo, foi descobrindo e acordando para a civilização de Cristo a África negra?

Talvez... Mas Ben Bella saberá porventura quem foi Infante D. Henrique? Com certeza que o ignora...

E continuamos assim às voltas, sempre, com a mesma pergunta: mas porquê um tal ódio? Porquê?

Compreendamos que não combatassem para que o comunismo ganhasse com Angola um baluarte na África ao Sara e um trampolim para o salto até à América do Sul. Mas, nesse caso, porquê as armas e os instrutores enviados por Ben Bella à UPA, rival do MPLA?

Também compreendíamos que Ben Bella, grato por todo o apoio que na sua luta contra a França sempre encontrou no «American Committee on Africa», quizesse agora pagar a parte de uma dívida em aberto. Mas então porquê o desejo de também fornecer instrutores e armas ao MPLA, rival da UPA?

Porquê? Porquê? E não quem nos responda. O próprio Ben Bella talvez não soubesse responder-nos, mesmo que por acaso quizesse fazê-lo. — A.

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos desde os mais simples aos mais luxuosos.

Leia, Assine

Publique n

«Tribuna Livre»

Visado pela Censura



COMPANHIA DE SEGUROS 'DOURO,'

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

FUNDADA EM 1835

Há mais dum século, na «DOURO» está a segurança

AGENTE EM AMARES:

João Gualberto da Silva

Largo D. Gualdim Pais AMARES

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

S. Paio de Seramil

(CONTINUAÇÃO)

* * *

Entre-Homem e Cávado e Vale de Tamel, ou fosse Entre-Homem-Cávado e Lima, foi uma antiga jurisdição eclesiástica do Visitador das respectivas igrejas, por nomeação dos arcebispos e dos cabidos da Sé, geralmente escolhido entre os cônegos prebendados do mesmo cabido. Acompanhava-o nas visitas periódicas um secretário, clérigo também, encarregado de escrever em livro próprio, chamado dos «capítulos das visitas» o relatório e as instruções para o pároco e fregueses que as mesmas sugeriam ao visitador, e se elas se cumpriam ou reincidia nas mesmas faltas.

Como eram frequentes estas visitas, vai ver-se por alto através do livro que ficou do assento delas e da natureza das observações que aí eram feitas... Por aqui afere-se o que se passava em todas as freguesias quando lhes chegava a vez de serem visitadas, só é pena que não se tenha mantido esta tradição salutar, tem tendente à disciplina do clero paroquial e dos fregueses. As raríssimas e anunciadas visitas pastorais são pouco para o reajustamento das populações rurais aos moldes da vida religiosa dos tempos idos, e por isso tanto mais abaladas pelas liberalidades e concepções contemporâneas que chegam a toda a parte e causam maior estrago onde maior é a incultura e a ignorância pretenciosas. Pasma-se de encontrar entre a gente dos campos espírito de inferior religiosidade ao das cidades, especialmente a irreverência e a intolerância para com a pessoa do sacerdote, que durante tantos séculos foi o seu único guia e inseparável companheiro nos momentos mais delicados da vida e da morte.

As disposições, penalidades e multas, sentenciadas pelo Visitador, eram irrevogáveis; assim o demonstra um dos capítulos lançados no livro desta freguesia:

«Matheus Antonio Chaves cônego prebendado na Santa Sé Primacial, Abb. sem cura da freguesia do Salvador de Figueiredo, Visitador das Igr.as de Lanhoso e Vieira e de presente servindo de visitador das Igr.as de Monte Longo (Fafe), Entre-Homem e Cávado e Valle de Tamel por anseio do Rev.dos Cônegos Visitadores das referidas visitas, etc. Faço saber que constando ao meu Rev.mo Cabido que o Juiz do Subsino e mais oficiais das Confrarias de S.ta Lucrécia do termo desta cidade tinham requerido a S. Ex.a Rev.ma revogasse hum capítulo de visita relativo a construção de hum torreão, que o Rev.do Cônego Visitador meu antecessor tinha bem justamente formalizado e mandado por mim em acto de visita cumprir: E com efeito entrando em hua seria indignação deste facto o m.mo Rev.mo Cabido veio a certificar-se que por despacho datado em 8 de 8.bro de 1800 fora o dito Capítulo de viz.a revogado pelo Ex.mo Sr. Arcebispo por hum simples informe do Rev.do Reitor de Adufe. Não pode o meu Rev.mo Cabido olhar com indiferença hum tal despacho, por issos mesmo q. elle he não só diametralmente opposto à Concordata celebrada entre o Rev.mo Cabido e o Ex.mo Sr. Arcebispo D. Fr. Bartolomeu dos Martires em 25 de Jan.o de 1573, mas também incompatível com a sentença do Sr. Cardeal Infante; querendo porem o meu Rev.mo Cabb.o nesta critica conjunção manter ilibados os seus direitos e prerrogativas sem perder de vista a m.mo tempo o respeito q. deve ao seu Ex.mo Prelado deliberou, capitularmente congregado, em 11 de Fev.o do prez.to anno, devia dirigir-lhe, como dirigio hum requerimento em q. lhe supplicava declara-sse nullo, e sem effeito aquele seu pr.o despacho, visto ser este não só lezivo dos seus direitos, e infringir as suas concordatas, mas também porq. vinha elle a ceer em evidente prejuizo da Jurisdicção ordinaria em q. os senhores Arcebispos representão de Metropolitanas, e o Cabido de sufraganio nas suas respectivas vizitas. Foi no dia 15 Fev.o deste dito anno q. em virtude da dita supplica nos dirigio a Portaria do theor seguinte: Sem entrarmos na discussão da pretendida sufraganidade declaramos q. nunca foi nossa tenção alterar alguma das concordatas; portanto revogamos o despacho respectivo ficando em seo vigor o Capitulo da Visita e as partes interessadas o direito salvo p.a nos tornar a requer. Braga, 15 de Fev.o de 1801, com a rubrica de S. Ex.a Rev.ma».

E agora, um exemplo de como se praticava a transmissão de ordens e instruções, serviço de correio, entre o Visitador e as igrejas:

«Igualmente constou ao meu Rev.mo Cabb.o que do

(Continua no próximo número)

2.ª Publicação



TRIBUNAL JUDICIAL DE VILA VERDE ANÚNCIO

No próximo dia 13 de Fevereiro, pelas 10 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca e em virtude do ordenado nos autos de Execução sumária que pela 1.ª Secção deste tribunal José Miranda, solteiro, maior, presbítero católico, residente na freguesia de Proselo, Amares move contra Amandio José da Silva e mulher Maria Armanda Ferreira Vilela, proprietários, do lugar do Terreiro, freguesia de Santa Maria de Bouro, Amares, vai-se proceder à arrematação em hasta pública, em primeira praça e pelo maior lance oferecido acima dos valores que vão indicados, dos seguintes prédios pertencentes aos executados:

Sítos na Freguesia de Bouro (Santa Maria)

1.º = Bouça da Pedreira de Baixo, no lugar de Abadia, descrita na Conservatória sob o número 31.017, a fls. 152 do Livro B-74, inscrita na matriz nos artigos 1989 e 1990 co valor matricial corrigido de 3.060\$00.

2.º = Leiras da Portela Má de Baixo, no lugar de Parada de Frades, descritas na Conservatória sob o número 31.018, a fls. 152 verso do Livro B-74, e inscritas na matriz nos artigos 1814, 1816, 1840 e 1847, com o valor matricial corrigidos de 1.350\$00.

3.º = Sorte dos Salgueiros, no lugar de Abadia, descrita na Conservatória sob o número 31.019 a fls. 153 do Livro B-74 e inscrita na matriz sob o artigo 1878, com o valor material corrigido de 900\$00.

4.º = Leiros de Painçais, no lugar de Chantado, descritos na Conservatória sob o número 31.020 a fls. 153 verso do Livro B-74, inscritos na matriz sob os artigos 3248 e 3249, com o valor matricial corrigido de 2.340\$00.

5.º = Casa de Rez do chão e 1.º andar, no lugar de Adegueiro, descrita na Conservatória sob o número 31.021 a fls. 154 do Livro B-74, e inscrita na matriz urbana sob o artigo 323, com o valor matricial corrigido de 3.240\$00.

Vila Verde, 16 de Janeiro de 1963

O Juiz de Direlto,

a) — Manuel Augusto Gama Prazeres

O Escrivão da 1.ª Secção,

a) — Manuel Augusto Monteiro da Silva

«REQUIEM» PELA CATANGA

(Continuação da 1.ª página)

No Laos e no Vietname do Sul, objectivos principais do comunismo asiático no seu alastrar de onda silenciosa, os norte-americanos, não há dúvida, estão a bater-se e estão a morrer; estão ali a perder aviões e helicópteros como se fosse numa guerra declarada; estão ali a gastar milhões de dólares. Também só a presença dos norte-americanos na Europa e as repetidas declarações de firmeza do Governo de Washington têm obstado a que o comunismo soviético estrangule com os seus tentáculos a parte de Berlim ainda livre e ponha em risco a existência da República Federal, menos sólida politicamente do que no plano económico. Há que reconhecer por igual que, na questão de Cuba, não foi Kruschev, dos dois KK, o que saiu mais prestigiado—e que o Presidente Kennedy agiu cavaleirescamente, ao patrocinar o resgate dos infelizes expedicionários da Baía dos Porcos; é certo que a bandeira do comunismo se mantém desfraldada por sobre a grande ilha e que Fidel Castro conserva, inabalável, o poder nas suas ensanguentadas mãos, mas não é menos certo que os Estados Unidos ergueram um dique contra a expansão do fidelismo no continente americano e que, decerto por obra da vigilância yanque, se têm malogrado, uma após outra, todas as tentativas de o implantar nas Américas continentais. Não será, pois, legítimo dizer-se que os norte-americanos fazem, por toda a parte uma política ao fim e ao cabo só favorável aos desígnios do comunismo internacional. Mas nem por isso deixa de ser menos escandaloso e menos incompreensível o comportamento dos norte-americanos, relativamente à África. Ai eles apoiaram os insurrectos da Argélia contra a França—e o resultado é um Ben Bella que, ao sair da Casa Branca ainda com o gosto, na boca, dos bombons que lhe oferecera Jacqueline Kennedy, vai a correr para a Havana e cai, enternecido, nos braços de Fidel; aí apoiaram, contra a Bélgica, todos os lumumbas do Congo—e o resultado foi uma anarquia sangrenta, persistente e que ao honesto contribuinte norte-americano está a custar os olhos da cara; aí têm apoiado, contra Portugal, um sub-lumumba chamado Holden Ro-

berto e os seus fanáticos assassinos da UPA, em matéria de crimes e de atrocidades rivais dos «mau-mau» do Quênia—e o resultado é a vaga de antiamericanismo a que se entregou, levado pelo espanto e pela indignação, um povo que, na Europa, figurava entre os mais desinteressados e fervorosos amigos dos Estados Unidos; aí, finalmente, apoiaram (contra um Tchombé que, apesar dos maus exemplos congolezes, soubera guardar intacta e em paz a Catanga) um fantasmático Governo central de Leopoldville—e o resultado foi a destruidora ofensiva lançada pelos feroces mercenários da ONU, foi o aniquilamento, perfeitamente cínico, perfeitamente a frio, do que era ainda um oásis de ordem. Sim. Na África, onde quer que de um lado havia um aliado leal dos Estados Unidos ou um amigo seguro do Ocidente e do outro lado aventureiros e bandidos já comprometidos com o comunismo ou prontos a pactuar com os comunistas, os Estados Unidos, invariavelmente, como se, ao teimarem no absurdo erro, obedecessem a uma fatalidade a que não poderiam furtar-se, tomaram o partido dos aventureiros—e contra a ordem que existia o partido da desordem que logo brotava à sombra do seu apoio, quando não das suas generosidades e larguezas. Agora, da África, uma vez aniquilada a Catanga, ainda restam, porém, não só as províncias portuguesas e as Rodésias, mas também a União Sul-Africana e talvez esse Marrocos onde um soberano consciente dos perigos que lhe ameaçam o trono não parece de modo algum disposto a deixar-se bembellizar. Para os Estados Unidos arrepiarem caminho ainda é, pois, tempo. Ainda é tempo, se o Presidente Kennedy quiser, de levantar na África, contra o alastramento do bembellismo e do lumumbismo, um dique semelhante ao erguido nas Américas contra o fidelismo. Ainda é tempo, mas o tempo já não é muito... Destapar a bilha onde o diabo encerrou as tempestades nunca foi difícil. O que sempre tem sido difícil, terrivelmente difícil, é encontrar, depois da rolha. Deus permita que o crime cometido na Catanga contra a justiça e contra o bom senso não exija dos responsáveis—e dos inocentes, por acréscimo—uma expiação demasiado cruel...=A.

Telefone dos Bombeiros
V. de Amares 62162

Visado pela C. de Censura

Tribuna Desportiva

PORTUGAL ELIMINADO

Por jogar mal

Com um ataque de emergência (a linha avançada, que já tivera de ser modificada pela doença de um dos seus elementos, acabou por perder exactamente as suas duas pedras-base, Hernani e Eusébio) a selecção nacional de futebol foi no dia 23 a Roma fazer a terceira — e a pior — partida da eliminatória Portugal-Bulgária da Taça das Nações Europeias.

Vencedora em Lisboa por uns claros 3-1, depois de vencida em Sofia pela mesma marca mas não com a mesma clareza, a turma portuguesa viveu no dia 23 dividida em dois sectores, de rendimento por completo diferente: uma defesa que conseguiu manietar o rápido e atlético ataque búlgaro e um ataque que não chegou para fazer o mínimo indispensável.

Tanto o estreante da linha de ataque (o benfiquista Torres, o avançado-centro) como os «extremos» Simões e Serafim e o «interior» Santana, já rodados em jogos internacionais, estiveram muito abaixo das suas reais possibilidades, denotando, em especial, uma total ausência de intencionalidade nos seus lances. Salvou-se, no quinteto atacante, o «interior» macaísta Rocha — o único que manteve em Roma a linha que lhe é habitual nos encontros do clube.

A inoperância dos atacantes deixou o marcador a zero. Bem tentaram alguns elementos dos sectores recuados, em especial Coluna — o melhor dos onze — e Festa, de quando em vez, tentar o remate ou a arrancada para o golo desejado e até certo ponto merecido em vista do aparente domínio territorial e do claro domínio técnico exercidos a meio campo. Em zero ficaram os portugueses.

Foi a menos de quatro minutos do fim que o encontro se resolveu: com os portugueses lançados ao ataque, na mira do tento que desse a vitória, um contra-ataque rápido dos eslavos meteu-se pelo terreno livre e, apesar do esforço de Costa Pereira, que saiu da baliza «a fazer» de defesa, o avançado-centro adversário teve campo e tempo para rematar tranquilamente para o melhor lugar, obtendo assim o golo que vale a permanência na Taça da Europa.

Por lugar-comum que seja falar-se de tal derrota imerecida, pode afirmar-se que, realmente, a equipa portuguesa, que pela falta de remate não merecia ganhar, pela sequência do jogo e pelo domínio que chegou a exercer, também não merecia perder.

A derrota tem, por isso mesmo, travo mais amargo para

os jogadores portugueses. Entre estes, deve destacar-se, além da boa exibição de Coluna, que foi, talvez, o melhor de todos os jogadores em campo, o estoicismo do defesa-central Raul. A sua inclusão na linha estava duvidosa, visto que um abcesso dentário o mantinha sem dormir, e seria de esperar que o seu rendimento, depois de algumas noites sem repouso, viesse a ressentir-se — o que não se verificou, Raul conseguiu manter, do primeiro ao último minuto, o entusiasmo e o esforço que lhe deram domínio na zona confiada à sua guarda.

Além de Torres, cuja estreia «internacional» decepcionou, visto que os três únicos remates que assinou em todo o encontro são pálida sombra do muito que costuma fazer na equipa do Benfica, houve mais duas «novidades» na equipa portuguesa: o defesa lateral Festa e o médio de ataque Paula. O primeiro foi deslumbrado pelos êxitos iniciais: convenceu-se de que os primeiros lances da partida, que lhe foram favoráveis, representavam um domínio total sobre o seu adversário directo; essa confiança acabou por lhe custar cara, já que no decurso da partida o adversário que inicialmente venceria acabou por se pagar largamente dos desaires sofridos. Quanto ao médio Paula, cotou-se entre os melhores elementos da equipa e jamais deixou transparecer, na forma calma e inteligente como jogou, que se tratava de uma primeira comparência entre os onze de Portugal. Uma boa exibição.

O público italiano — havia cerca de sete mil pessoas nas bancadas do majestoso e enorme Estádio Olímpico de Roma, que aloja cem mil espectadores — mostrou-se interessado na partida e contribuiu, com aplausos e com assobios, para dar animação ao encontro. Não se pode dizer, no entanto, que tenha sido imparcial: muitos foram lá para aplaudir os búlgaros e para assobiar os portugueses... E isso mesmo fizeram, com ou sem razão.

Do trabalho do árbitro não vale a pena falar. Não teve uma única decisão que prejudicasse qualquer das equipas. E como os jogadores empregaram sempre, invariavelmente, uma forma bem desportiva de actuar, não se lhe deparou qualquer problema de difícil solução.

Como nota final: temperatura de poucos graus positivos, que não é, evidentemente, a que melhor pode servir os portugueses... — A.

Benfica e Porto em rodagem para o título

o Sporting empatou e o Guimarães fez sensação

Dois clubes parecem estar mais fortemente credenciados para alcançar o título de Campeão Nacional de Futebol de 1962-63, ao encerrar-se a primeira «volta» do torneio: Sport Lisboa e Benfica e Futebol Clube do Porto.

Ambos voltaram ontem a vencer — com dificuldade o Benfica, com mais clareza o Porto — enquanto o Sporting, se deslocou a Setúbal, encontrava no Vitória local um adversário que soube impor-se, chegando a ganhar por 2-0, e a que só faltou resistência física para manter o avanço.

A grande sensação da jornada, porém, forneceu-a o Vitória de Guimarães, em período de plena recuperação: veio a Lisboa vencer o Atlético por 5-0 — resultado que, além do mais, nada tem de extraordinário para quem assistiu ao encontro e viu evoluir a turma minhota.

A lista completa dos resultados da jornada de domingo é a seguinte: Benfica, 2-Lusitano, 1; Académica, 0-Porto, 2; Vitória de Setúbal, 2-Sporting, 2; Atlético, 0-Vitória de Guimarães, 5; Olhanense, 0-Belenenses, 0; Leixões, 3-Feirense, 2; Cuf. 1-Barreirense, 1.

A classificação geral, depois desta jornada, ficou ordenada como se segue:

	Pontos
Benfica,	23
Porto,	22
Sporting,	19
Lusitano,	15
Leixões,	15
Belenenses,	14
Guimarães,	14
Académica,	13
Setúbal,	11
Olhanense,	9
Atlético,	8
Barreirense,	8
CUF,	7
Feirense,	4

No Campeonato Nacional da Segunda Divisão, que também ontem encerrou a primeira «volta», destacaram-se a vitória do Oliveirense sobre o Vianense por 5-0 (Zona Norte) e nova derrota do Oriental, frente ao Sacavenense, por 2-0 (Zona Sul).

Resultados: Zona Norte: Oliveirense, 5-Vianense, 0; Académico de Viseu, 0-Varzim, 3; Sporting de Espinho, 0-Salgueiros, 3; Sporting de Braga, 3-Sanjoanense 1; Boavista, 1-Leça, 2; Sporting da Covilhã, 1-Castelo Branco, 0; e Marinhense, 1-Beira Mar. 0.

Zona Sul: Montijo, 1-Farense, 1; Alhandra, 4-Luso, 1; Cova da Piedade, 3-Silves, 1; Sacavenense, 2-Oriental, 0; Lusitano de Vila Real, 3-Peniche, 2; Portimonense, 2-Torriense, 1; Seixal, 4-Portalegrense, 1.

As classificações gerais são agora as seguintes:

Zona Norte:	Pontos
Varzim,	21
Beira Mar,	20
Covilhã,	19
Oliveirense,	18
Braga,	17
Leça,	14
Marinhense,	13
Espinho,	11
Vianense,	11
Castelo Branco,	9
Académica de Viseu,	8
Sanjoanense,	8
Boavista,	7
Salgueiros,	6

Zona Sul:	Pontos
Seixal,	19
Alhandra,	19
Portimonense,	16
Torreense,	15
Sacavenense,	14
Cova da Piedade,	14
Luso,	13
Farense,	13
Oriental,	13
Montijo,	13
Lusitano de Vila Real,	10
Portalegrense,	9
Peniche,	8
Silves,	4

Taças dos Campeões Europeus nas diversas modalidades: As Basquetebolistas Portuguesas apuradas para a fase seguinte

Três equipas portuguesas disputaram encontros para a «Taça dos Clubes Campeões Europeus» em diversas modalidades.

As honras vão para as basquetebolistas angolanas do Sport Lubango e Benfica, que em Madrid ganharam o direito de passar à fase seguinte. Embora derrotadas por sete pontos de diferença, as portuguesas ficaram apuradas, devido à vantagem de 17 pontos, alcançada quando da primeira «mão», em Lisboa, há uma semana.

Outra equipa feminina jogou em Montpellier: as voleibolistas do Clube Desportivo Universitário de Lisboa, titular nacional, que defrontaram as francesas do Montpellier Université Club, na primeira «mão» do torneio europeu. Ganharam as francesas por 3-0 (15-3, 15-6 e 15-5). A segunda «mão» disputa-se em Lisboa, com menos frio = factor que ronbou combatividade às jogadoras portuguesas.

Pelo seu lado, os campeões masculinos de voleibol, do Lisboa Ginásio Clube, foram a Budapeste, defrontando o Ujpest Dozsa, e perderam também por 3-0. A segunda «mão» disputa-se em Lisboa, a 10 de Fevereiro.

«Taça de Honra» (Futebol) na Madeira

Resultados dos encontros de futebol, disputados, no estádio dos Barreiros, a contar para a «Taça de Honra» Marítimo-Sporting, 5-1 União-Nacional, 2-2.

Os jogos das reservas não se realizaram, devido ao mau estado do campo de Liceu Jaime Moniz.

«Volantes» da Madeira vão correr nas Canárias

Dez automobilistas madeirenses estão inscritos no «Rally das Canárias», que em Fevereiro se realiza naquelas ilhas espanholas.

Renhido o torneio para apuramento do representante Terceirense na Taça de Portugal

Na terceira jornada do apuramento do representante deste distrito na eliminatória para a «Taça de Portugal» (futebol) registaram-se os seguintes resultados: Angrense-União, 7-1; Praiense-Lusitania, 2-3.

A classificação é comandada por dois clubes, Angrense e Lusitania, ambos com 5 pontos, seguindo-se o União, com 2, e o Praiense, com zero.

Segundo título consecutivo para o Micaelense, de Campeão Distrital de Futebol

O Micaelense é campeão distrital de futebol, pela segunda vez consecutiva.

Disputou-se ontem a última jornada do campeonato com os seguintes resultados: Micaelense-Santa-Clara, 1-0 União Micaelense-União Sportiva, 7-1; Operário-Marítimo, 3-2.

A classificação final do torneio ficou assim estabelecida: Micaelense, 13 pontos; Operário e União Micaelense, 12; Santa Clara, 11; Marítimo, 10; e União Sportiva, 2.

Condições de Assinatura

Continente	
Ano	50\$00
Semestre	25\$00
Ilhas	
Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	30\$00
Brasil	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00
Estrangeiro	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00